



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CLÁUDIO LUIZ GARCIA

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-63

Entrevistado: Cláudio Luiz Garcia

Nascimento: 23/08/1950

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte/ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Leila Carneiro Matos/Berenice Rolim

Data da entrevista: 15/16/2004

Transcrição: Berenice Rolim

Conferência Fidelidade: Leila Carneiro Matos

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Giovani Frizzo

Fitas: (01 fita) 63/01-A e 63/01-B

Total de gravação: 55 minutos

Páginas Digitadas: 22

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01248/2005/01

Nº da fita: 01248/2005/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

GARCIA, Cláudio Luiz. *Cláudio Garcia (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

Sumário

Vida profissional como técnico-administrativo da UFRGS; rotinas administrativas da Escola desde a década de 70; Federalização da ESEF; mobilização dos funcionários: greves, paralisações; mudanças de infra-estrutura e organização da ESEF; perfil de alunos, funcionários e professores; representatividade dos funcionários.

Porto Alegre, 15 de Junho de 2004. Entrevista com o técnico administrativo Cláudio Garcia, a cargo das entrevistadoras Berenice Rolim e Leila Matos para o Projeto ESEF 65 anos para Centro de Memória do Esporte.

B.R. - Bom dia Cláudio, gostaria de ouvir um pouco da tua história de vida para ver como é que tu chegaste até a Escola¹.

C.G. - Eu já estava cursando administração na UFRGS² em 72, quando surgiu o concurso para universidade, um curso para o cargo de assistente de administração, que seria mais ou menos, hoje em dia, o cargo de nível médio. Era oficial de administração e, hoje em dia, chama-se assistente de administração. Eu fiz, então, um curso de nível médio. Naquela época, eu acho que o maior número de vagas era para esse cargo, mas também tinha para nível de apoio, e até cargos em nível superior, não me lembro bem, mas eu não podia fazer, eu estava na universidade. Eu fiz, se não me engano, em 72, no final de 71 o concurso, aí eu entrei para Escola. Eu fui classificado, tinha cerca de mil e setecentos candidatos para cinquenta vagas, acho que não houve cinquenta pessoas que passaram. Se não me engano, cerca de quarenta pessoas foram aprovadas, eu fiquei em 32º, 33º lugar, e aí comecei a trabalhar. Eu já era estudante da Universidade Federal, como aluno, em 1970, no curso de administração.

B.R. - E tu escolheste a Escola de Educação Física? Ou entraste por acaso?

C.G. - Não, eu entrei para Universidade, e como eu morava com meus pais aqui, no bairro Jardim Botânico³... Eu morei no bairro Jardim Botânico dos sete aos trinta anos de idade, então, eu praticamente me criei aqui e, quando eu fui chamado na Universidade, eu tinha idéia de pedir para vir para ESEF, se houvesse essa possibilidade. A ESEF recém tinha sido integrada à Universidade Federal. Ela era antigamente uma escola estadual isolada, uma escola superior isolada e, ela recém tinha sido integrada. Parece que em 71, no início de 70, ela entrou⁴. Aí, como havia vaga aqui na ESEF, eles me perguntaram se eu queria vir para ESEF. Então, foi assim que eu vim parar aqui, em fevereiro de 73.

¹ Escola de Educação Física da UFRGS - ESEF

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Bairro de Porto Alegre onde está situada a Escola de Educação Física da UFRGS

⁴ A federalização da ESEF aconteceu no ano de 1969.

B.R. - Como é que foi essa chegada aqui na Escola? Tu foste bem recepcionado? Já chegaste com uma função específica? Contemos um pouco deste início...

C.G. - Quando eu cheguei aqui recém tinha terminado o Carnaval, era o mês de férias, eu me lembro que o secretário de então, que era o Nei de Abreu Nogueira⁵, que já está aposentado, ele não estava; estava o secretário substituto que era o João Feliciano Pinto Bandeira. Primeiro eu tomei posse lá, eles me chamaram, aquela coisa de concurso público. Tu tens um prazo para tomar posse ou dizer que tu não queres, para eles chamarem o próximo. Eu tomei posse e vim para cá, fui recepcionado pelo Bandeira. Aí, ele: “Olha, tu é um funcionário de nível médio”. Naquele tempo, nós tínhamos os chamados datilógrafos, que seriam os digitadores hoje em dia, então, ele disse assim: “Olha, tu tens um cargo de nível médio, mas eu quero te dizer o seguinte, em princípio eu fui lotado na Secretaria Administrativa, no que hoje se entende por secretaria administrativa, mas aqui todo mundo faz tudo, tu vais ter que datilografar. Tu sabes datilografar?” Digo: “Eu sei datilografar, trabalhei fora, mas eu sei datilografar sim”. “Tu vai ficar na Secretaria Administrativa aqui, no geral o secretário não está, só o secretário substituto, depois ele vai te dar outras informações, vai te encaminhar melhor, mas em princípio tu vais ficar aqui na Secretaria”. E, depois com a volta do senhor Nei, que é o secretário titular, ele me confirmou na Secretaria. A gente atendia muito, eu me lembro, na época, quando comecei, fazia os históricos escolares, porque o Decordi⁶ recém estava sendo estruturado e hoje é um órgão central na Universidade, que lida com os acadêmicos. Como os nossos alunos tinham sido formados pelo sistema estadual, e na Escola o Decordi não tinha ainda esse acervo, então, isso estava sendo passado para lá aos poucos, então cabia a nós essa tarefa. A toda hora entrava gente que se formou na década de 60, 70, pedindo histórico, que a maioria deles eram, professores, outros trabalhavam já em academias, em clubes.

B.R. - Então, os registros eram locais?

C.G. - É, locais! A gente fazia, tinha um volume muito grande desse trabalho. Eu fui inserido primeiramente nesse tipo de trabalho, fazia os históricos. Eu me lembro que fazia

⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶ Departamento de Coordenação Discente.

com uma ou duas cópias, entregava uma para o usuário que solicitava, cobrava uma taxa, não me lembro bem, e ficava outra cópia aqui na Escola.

B.R. - E a estrutura da Escola, tu estás dizendo os registros de alguns eram feitos na Secretaria Central da Escola e não havia outros departamentos? Como é que funcionava o todo na Escola?

C.G. - Tu quer saber da estrutura da Escola naquele tempo? Que eu me lembro, tinha a Secretaria Administrativa, tinha dois departamentos, não, acho que vieram depois. Eu não lembro exatamente se em 73 já tinha dois departamentos, mas eu acho que sim, já tinha o Departamento de Desportos e o Departamento de Ginástica e Recreação. Existia, uma Secretaria de Pós-Graduação, que se incumbia dos cursos que hoje nós chamamos de especialização. Naquele tempo, já era especialização, já tinha uma legislação quanto a isso, mas não existia curso de mestrado e doutorado, existia curso de especialização e funcionava à noite, como hoje funciona. Assim de estrutura... Existia o laboratório de pesquisa, eu não sei, acho que o laboratório veio depois, um pouco depois e a pouca pesquisa que existia, era feita no laboratório, mas não sei se na década de 70 já existia o laboratório. Mas em 73, quando entrei, não posso afirmar que existia laboratório. Outro órgão que se destacava na estrutura, era o chamado Centro Olímpico⁷, que era um órgão suplementar da Escola, que funcionava em uma casinha de madeira, aqui onde mais ou menos é a área do bar, da sala de musculação. Ali funcionava o Centro Olímpico e o Professor Peixinho⁸ era o coordenador. Não existia até então a piscina, aquele prédio do Centro Natatório⁹ não existia. Não existia também a pista de atletismo, nós tínhamos uma pequena pista de carvão, onde agora é o setor de salas de aula. Da estrutura da Escola que eu possa lembrar é isso. Existia o Gabinete da Direção, trabalhava Diretor e Vice, a Secretaria Administrativa que era muito ligada ao Gabinete da Direção. Os Departamentos, Pós-Graduação existia, e fora disso, eu não me lembro.

B.R. - E tu tens idéia do número de funcionários que tinham na época? Hoje é maior ou menor?

⁷ Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

⁸ Jayme Werner dos Reis.

C.G. - Não, certamente o número de funcionários é maior, porque o número de funcionários que tinha na época era praticamente o número... Talvez eu tenha sido o segundo ou terceiro funcionário que veio via Universidade Federal, porque a maioria dos funcionários da Escola eram funcionários oriundos do sistema estadual que tinham sido...

B.R. - Incorporados?

C.G. - Vamos dizer assim, incorporados à UFRGS. Alguns inclusive não quiseram ser incorporados a Universidade Federal e ficaram na estrutura da Secretaria de Educação do Estado, não quiseram ser federalizados, então, não ficaram na Escola. E, é claro que a Universidade teve que repor alguns. Eu me lembro de dois ou três casos, que meus colegas falavam, que optaram por ficar no Estado. Então, por exemplo, o seu Nei e o Bandeira eram já funcionários federais, mas outros, a grande maioria, acho que noventa por cento eram de funcionários que eram oriundos da antiga Escola Superior Estadual¹⁰.

B.R. - Quanto ao perfil dos professores, como é que tu enxergavas esse professor? E, hoje como é que tu enxergas? O que tu tens para dizer do perfil do professor?

C.G. - É, o perfil acho que mudou bastante. O perfil do professor? Bom, vamos falar do perfil da Direção: o perfil da direção era o Professor Targa. Quando entrei o Professor Jacintho Francisco Targa - que foi o Diretor durante muito tempo, tanto na fase estadual, como depois na fase em que a Escola era federal - era Coronel da Brigada, ele era disciplinado, grande parte dos professores tinha esse perfil, eu me lembro que o professor Linhares¹¹ era da Brigada, o professor Escobar¹² era da Brigada, eram militares. Tinha alguns que eram civis, mas tinham feito cursos na Escola de Educação Física do Exército, então tinham todo um perfil disciplinado, a maioria deles eram professores disciplinados. Qual era a grande ênfase da Escola na época, que eu podia ver na graduação, no curso de licenciatura? Era o esporte! Então, quais são os professores que se destacavam mais? Os professores de natação, de vôlei, de basquete, de handebol, de judô, coisa que hoje em dia não é, acho que é a parte mais pedagógica, se destaca mais, inclusive o curso mudou

⁹ Prédio que abriga as piscinas térmicas da ESEF

¹⁰ Escola Superior de Educação Física, antes da Federalização

¹¹ Paulo Ubirajara Linhares

¹² Acely Stroher Escobar

totalmente de perfil. O perfil do professor é diferente, isso podia se notar; eram professores oriundos dos primeiros tempos da Educação Física. Parece que quando começou a Educação, só tinha uma Escola de Educação Física no Brasil, que acho que era a Educação Física do Exército, parece que tinha outra que era civil, que era então a Universidade do Brasil, mas são as duas primeiras, a nossa parece que foi a terceira ou a quarta, primeiro em Belo Horizonte¹³, depois teve a nossa. Mas são ainda formados por escolas civis, esses professores que foram formados na década de 40 e 50, que eram os professores que estavam aqui na década de 70, eles eram professores formados com o perfil bastante, vamos dizer, disciplinador. Nem todos tinham o perfil autoritário, apesar de serem disciplinados. Por exemplo, o Professor Targa tinha um perfil autoritário, muito autoritário, o Professor Linhares... Mas o Professor Escobar, o Professor Bugre¹⁴, que também tinham uma formação em escolas militares, eles eram disciplinados, mas não eram autoritários, já tinham um outro tipo de perfil. Agora o que predominava, o que chamava mais atenção, eram os professores da área esportiva. As vedetes entre os professores eram: o Professor Carioca¹⁵, de voleibol, o Professor Escobar do basquete, o professor... Naquela época, o Professor Brauner¹⁶ ainda não era professor da Escola. Quem mais... O Professor Peixinho, da natação, o professor Bugre no judô, eram os que se destacavam. Professor de História da Educação Física, os professores de organização, esses eram professores, vamos dizer, não eram as vedetes do curso.

B.R. - Era muito ligado à prática?

C.G. - É! O perfil do aluno, era um perfil de aluno mais voltado ao esporte. Quase todos eles praticavam dois ou três esportes. Quem não praticasse dois ou três esportes, não entrava na Escola, porque tinham testes físicos. Esses testes se compunham de testes de atletismo, de salto até, mas tinha também teste de toque de bola. Por exemplo tinha testes para saber movimentos básicos de vôlei, de basquete, de futebol. Tu tinhas que saber natação inclusive, tu tinhas que saber nadar pelo menos um estilo dos dois: crawl ou costas. Então, não era qualquer aluno que entrava aqui, tu tinhas que ter um perfil esportivo.

¹³ Cidade Brasileira

¹⁴ Bugre Ubirajara Marimon de Lucena

¹⁵ Paulo Gilberto de Oliveira

¹⁶ Mário Roberto Generosi Brauner

B.R. - Tinha um teste preliminar?

C.G. - Físico!

B.R. - Um teste físico.

C.G. - Físico! Então, o perfil do aluno é muito por aí, ele é bem diferente do perfil do aluno de hoje em dia, porque o aluno de hoje, é mais um perfil mais ligado à pedagogia, mais ligado a... Não é.

B.R. - Então, tu definirias esse aluno como um...

C.G. - Esportista!

B.R. - Um atleta?

C.G. - A princípio.

B.R. - Um pré-atleta?

C.G. - Um pré-atleta! Não, alguns eram atletas de alto nível, jogavam vôlei em seleção, mas era gente que gostava de esporte. Ou gostavam de atletismo, ou gostavam de dança, ou gostavam de vôlei, eles se destacavam e, geralmente, era gente que gostava muito de esporte. Mesmo se formando professores, a maioria deles não ia para clubes - alguns sim, como é até hoje - mas a maioria deles ia para escolas, mas eles tinham esse perfil de esportistas.

B.R. - E, quanto ao uniforme, o visual. O que tu tens para nos dizer da época?

C.G. - Na época, eles ainda tinham, parece, uniforme. Logo depois, isso caiu, porque era uma época também de ditadura militar. Quando entrei aqui, a ditadura estava fazendo

nove, dez anos. Em 74, eu me lembro, Geisel¹⁷ esteve aqui inaugurando o chamado condomínio Felizardo Furtado¹⁸, que é um conjunto enorme que tem aqui. O Geisel esteve aqui, teve um aparato de segurança tremenda, porque o Geisel era um general, então Presidente da República. Naquele tempo, o uniforme ainda era uma coisa que vinha das antigas escolas, tanto escolas privadas, como públicas. Eu tive uniforme num colégio estadual na década de 60 e, final da década de 60, mesmo no primeiro e segundo grau, no Ignácio Montana¹⁹, ainda tinha uniforme. Nas escolas públicas tinha uniforme e nas escolas particulares também, então, na ESEF era natural que tivesse uniforme. Era uma calça azul marinho para as gurias e para os rapazes e uma camiseta branca com o símbolo da ESEF, isso era o uniforme básico e podia usar, quando estava mais frio, uma jaquetinha por cima, que também combinava com a calça.

B.R. - E era de uso obrigatório?

C.G. - Era. Até tinha professores que brigavam. O professor Alduíno,²⁰ por exemplo, que era muito disciplinador - e o professor Alduíno não foi formado em escola militar - inclusive tirava fora da sala quem não estivesse, parece que dava um aviso de uma, duas aulas, na terceira o cara não entrava na aula dele. O Alduíno era professor de atletismo e de tênis, se não me engano.

B.R. - E agora, dentro desse perfil, o que tu nos conta em termos econômicos. Como era o salário desse professor, como era o salário do funcionário e qual era o perfil econômico do aluno?

C.G. - É difícil. Os professores, se tu comparares com hoje em dia, eu acho que eles ganhavam melhor. Eles tinham uma vida mais folgada, em relação aos professores de hoje. Mas, os professores de hoje em dia acabam complementando, por eles terem uma formação melhor. Era raro o professor que tinha curso de mestrado, então, mais um traço do perfil do professor, poucos deles tinham especialização inclusive, a maioria deles tinham só o curso de graduação. Quem tinha especialização já estava na frente, e, naquela

¹⁷ Ernesto Geisel, presidente do Brasil durante a Ditadura Militar.

¹⁸ Condomínio residencial, localizado no Bairro Jardim Botânico, em Porto Alegre.

¹⁹ Escola Estadual Inácio Montanha

²⁰ Alduíno Zílio.

época, começou a se exigir. Começou a se dar ênfase a uma política de pós-graduação, que veio do governo militar. Os militares eram muito nacionalistas, muitas das coisas que eles fizeram foram criticadas, mas muitas outras coisas se vêem até hoje os resultados. Houve uma política de incentivo à pós-graduação, então, o que começou a acontecer, por exemplo, eu me lembro que no final da década de 70, quando o professor Alduíno e o professor Arno²¹ assumiram a Escola, como diretor e vice, respectivamente... Por que eles assumiram? Eles vieram da Alemanha com curso de mestrado, que até então era uma coisa fora do comum. Doutorado não existia em Educação Física, eu não conhecia nenhum doutor. Parece que tinha um, um tal de Penna Marinho,²² no Rio de Janeiro²³. Uma vez chegou aqui um professor, doutor em Educação Física, que era português, o Marques Pereira²⁴. Ele era uma sumidade, falava cinco ou seis idiomas, tinha programas de rádio na Europa, ele era português mas andava pela Europa toda, falava francês, inglês, alemão, era um homem de uma cultura vastíssima. Que eu me lembre, doutor naquela época, que ouvi falar era Marques Pereira, que era português. Brasileiro, parece que esse tal de Penna Marinho, que eu nem sei se é vivo ainda, não deve ser. Então, quem tivesse curso de mestrado, tinha uma coisa muito grande. Naquela época, começou, primeiro foi o Arno e o Alduíno na Alemanha. Era muita gente, naquele tempo era muito forte, como é até hoje forte ainda: a Alemanha na parte de Educação Física. Depois, começaram, já no início na década de 80, eu acho que aí o Ricardo²⁵, foi o Fortuna²⁶, o Guimarães²⁷ e o Biazus²⁸ foram para os Estados Unidos, até foi o De Rose²⁹ acho que apadrinou eles e foram para os Estados Unidos. Alguns fizeram o mestrado, outros fizeram depois o doutorado, mas foi nos Estados Unidos. Aí, começou a mudar um pouquinho o perfil, porque esses professores que em um primeiro momento chegaram a ter um título maior... Eles geralmente falavam alemão, o Carioca, por exemplo, falava alemão também... O Alduíno, o Arno, eles fizeram na Alemanha suas especializações e seus mestrados. Depois, começou a mudar, já começaram a ir para os Estados Unidos, Portugal, Espanha. A coisa já mudou, não lembro de nenhum mais que tenha ido para um país de língua alemã, a não ser o Brauner que foi

²¹ Arno Black

²² Inezil Penna Marinho

²³ Cidade Brasileira

²⁴ Celestino Marques Pereira

²⁵ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

²⁶ Newton Fernando Fortuna

²⁷ Antônio Carlos Stringhini Guimarães

²⁸ Luiz Biazús

²⁹ Eduardo Henrique De Rose.

para a Rússia, fazer em Moscou, não sei onde o Brauner fez o mestrado dele ou doutorado. Mas, basicamente, era país de língua inglesa, espanhola e o próprio... Então, mudou muito o perfil. Eu fiz esse introdutório todo para falar o seguinte: eles, enquanto professores só da Escola, eu diria que aqueles professores da década de 70, ganhavam melhor que os de hoje, mas é que os de hoje, por eles terem a formação que tem, de doutores, de pós-doutor, eles agregam rendas através de pesquisas de outros projetos, então, talvez eles ganhem mais, mas não só com o salário de professores. Acho que se for comparar o salário de professor, eles ganham melhor, mas é que eles lá não tinham uma outra coisa que agregar, a não ser eventualmente, quando eles davam treinamento para o clube lá: o carioca treinava a SOGIPA³⁰, vôlei, o Alduíno, futebol. Assim, agregavam renda, mas fora da estrutura universitária. Os de hoje não, eles agregam renda, aí está uma diferença fundamental do perfil. Eles são unicamente professores de universidade, mesmo que eles estejam trabalhando numa outra universidade particular, mas eles estão se valendo do quê? Da formação deles, de mestrado, de doutorado, de pós-doutorado para lecionar em outra universidade, mas eles não vão, por exemplo, dar treinamento de judô lá em um outro clube, não vão dar treinamento de vôlei na SOGIPA, isso é feito por outro tipo de profissional. Naquele tempo, os professores da ESEF faziam isso.

B.R. - Então, tu enxergas uma diferença na prestação de serviços?

C.G. - Fundamental.

B.R. - A primeira seria que era mais técnica, mais prática e hoje é mais intelectual?

C.G. - Mais intelectual, é, eu diria que sim. Eu diria que era um conhecimento mais técnico ligado ao esporte. Hoje em dia, é mais intelectual, na área de Pedagogia, de motricidade, de postural, como é o caso do Pelé³¹, essas áreas específicas que cada um tem.

B.R. - Cláudio, e do perfil do funcionário, como é que tu vias esse funcionário e como tu vê hoje?

³⁰ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

C.G. - Também como os professores, mudou completamente. Naquela época, o que eu diria? O funcionário, ele era um funcionário público antigo, da década de 50 e 60 no Brasil. O que era? Era um funcionário que entrou, a maioria deles não tinha entrado por concurso, entrou na Secretaria da Educação, passou não sei o quê na Agricultura e, de repente, acabou na Escola de Educação Física, que era um funcionário da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Bom, a maioria deles não tinha muita instrução, mas eram funcionários - aí que eu vejo que houve uma mudança tremenda no perfil - que tinham muita dedicação, eu destacaria duas coisas, eles não tinham muita instrução e tinham problemas. Por exemplo, quando eu entrei aqui, acho que eu era o único funcionário de nível superior, além da bibliotecária, porque a bibliotecária já era uma profissão reconhecida, tinha que ser bibliotecária. Então, tinha funcionária bibliotecária e não tinha nenhum outro funcionário de nível superior, hoje em dia, dos funcionários aqui, mesmo os que estão em cargos de nível médio, a maioria deles tem nível superior. Mudou o perfil mudou completamente. São funcionários, hoje em dia, que têm uma preparação melhor, tem mais instrução. Agora, os daquela época, eram mais dedicados, vestiam mais a camisa do que os de agora, isso é uma mudança fundamental que dá para perceber, eu diria que hoje tem muito mais preparo, são funcionários mais versáteis, que poderiam trabalhar na ESEF, na Reitoria, em uma empresa privada ou em qualquer lugar. Naquela época, não. Eram funcionários mais limitados, vamos dizer assim, intelectualmente, mas mais dedicados, vestiam mais a camiseta.

B.R. - Cláudio, e a participação política desses funcionários, ela modificou, ela diminuiu, como é que tu enxergas isso?

C.G. - Modificou radicalmente. Naquela época, não se falava em greve, não havia uma consciência, não se discutia nem política, porque era uma época muito fechada. Eu vinha da universidade, eu senti muito claro isso aqui, porque entre colegas, apesar de ser ditadura, você sabia das coisas que estava acontecendo, de prisões e coisas e, geralmente, o pessoal das universidades era contra o governo militar. Aqui, quando eu entrei, no meio dos colegas, não se falava nisso, porque não havia essa consciência, a não ser uns raros e poucos colegas que tinham, vamos dizer assim, não instrução, mas mais leitura que a maioria das pessoas, que eram mais politizadas. Não era porque tinham mais instrução, que

³¹ Jorge Luís de Souza.

tinham ido mais longe no colégio de 2º grau, numa universidade, não era uma educação formal, mas era uma educação advinda de leitura de jornais, revistas, o Edson da Silva Bueno³², por exemplo, que é um que eu vou sugerir vocês entrevistam, ele tem uma cultura tremenda e o Edson talvez não tenha nem o 2º grau. E, era muito comum, naquela época, o meu pai tinha 3ª ou 4ª série e discutia política e escrevia melhor do que eu que tenho universidade, isso era muito comum naquela época, as pessoas tinham o básico, às vezes, nem o 1º grau, mas depois elas se formaram na universidade da vida. Elas liam muito e era também um ensino muito mais puxado do que o de hoje em dia. Então, poucas pessoas discutiam política. Neste sentido, hoje em dia, o funcionário aqui da Escola é muito mais politizado. Eu fui um dos primeiros a me meter em política. Naquela época, eu era secretário de unidade, eu tinha uma função, então, até era perigosa, porque hoje em dia quem tem função normalmente nem faz greve, eu cansei de fazer greve sendo secretário de unidade. Eu comecei a me meter em política porque não existia um movimento político dentro da UFRGS, mas um movimento político de funcionários, servidores públicos federais, puxados pela previdência. Eu me lembro que, naquela época, eram os fiscais da previdência que puxavam, depois, agregaram outros. Aí, começaram a surgir lideranças na UFRGS, nessas reuniões gerais, se começou um movimento dentro da UFRGS, eu me lembro que o Britto³³ na química - naquele tempo, trabalhava na química - o Décio “Charli”³⁴, quem mais? O Alcides³⁵ que naquele tempo trabalhava no Biociências, que já nem está mais na universidade, depois foi o coordenador da ASSURGS³⁶. Eles puxaram esse tipo de coisa, eu fui também um dos percussores naquela época. Hoje em dia, o pessoal tem uma conscientização política infinitamente maior, discute a sua sociedade, discute a universidade, discute mais, por exemplo, com os professores a relação, esse tipo de coisa, isso não existia. O pessoal simplesmente obedecia ordens, vamos dizer assim.

B.R. - Isso que eu queria te perguntar: a relação com os professores, essa relação política. Havia alguma repressão, alguma pressão por parte da Direção, ontem, hoje, como é que tu enxergas?

³² Nome sujeito à confirmação.

³³ Nome sujeito à confirmação.

³⁴ Nome sujeito à confirmação.

³⁵ Nome sujeito à confirmação.

³⁶ Associação dos Servidores da Universidade do Rio Grande do Sul.

C.G. - Antigamente o pessoal só obedecia ordens. Só para dar um exemplo para vocês: o Professor Targa quando era diretor aqui, ele também era, se não me engano um dos diretores da Federação Internacional de Professores de Educação Física, uma coisa assim, FIEP³⁷, é o nome da instituição. E, ele era da associação que hoje é APEF, Associação dos Funcionários de Educação Física³⁸, que não é o conselho, mas é uma associação forte que existe desde a década... Já são bem antigos, no tempo que a Educação Física não era regulamentada. Então, ele era da APEF, ele era da FIEP, ele era um lutador da causa da Educação Física, ele era um líder. E aí, o que acontecia? Acabava trazendo para secretaria da ESEF - que tinha uma estrutura muito boa naquela época, talvez os melhores funcionários da Escola tivessem agregados na secretaria - sem nem pedir favor, ele determinava para os funcionários que se fizesse coisas para APEF, hoje em dia a APEF tem uma sede lá e tem os seus funcionários, nem se passa pela cabeça pedir aqui para funcionários da ESEF, se pedisse ninguém faria. E trazia serviços da FIEP também, então, eu me lembro que, uma época, até comentei com um colega, eu disse: “Tá, mas...” Não é que não soubessem, achavam que aquilo era errado, mas ninguém falava, e faziam. Eu, como entrei ali, não era eu que ia falar, e fazia também. Muitas vezes eu fiz trabalho com timbre, por exemplo da FIEP, que era Federação Internacional... como é que eu chamo? Capítulo Brasil, capítulo Rio Grande do Sul... Fazia trabalhos para FIEP, com timbre da FIEP, com timbre da APEF. Tinha dentro da secretaria da ESEF, como eu acho que deveria ter em outras unidades coisas semelhantes. Era uma época em que os funcionários não tinham muito... Na verdade, obedeciam ordens, não tinha esse tipo de questionamento.

B.R. - E, havia uma representação dentro de órgãos de funcionários?

C.G. - Não! No então Conselho, agora chama Conselho da Unidade, antes chamava...

B.R. - Congregação?

C.G. - Congregação! Chamava Congregação! Não, não tinha na Congregação, não tinha!

B.R. - E tu lembras como é que foi o processo para iniciar essa representação?

³⁷ Federation International de Education Phisyque.

³⁸ Associação dos Profissionais de Educação Física.

C.G. - Foi uma briga, eu me lembro que ainda foi no tempo... Acho que o Cassel³⁹ era ainda Diretor, depois foi o Carioca, por aí que começou a briga. Eu me lembro de alguns professores que defenderam a participação dos funcionários em votação, como, por exemplo, o Guimarães, o Betão⁴⁰. O Betão era representante estudantil, naquela época, ou era professor no início de carreira. E eram pleitos muito simples, como ter dois ou três representantes na Congregação, que seria o Conselho da Unidade hoje. Não era muito, só queríamos ter representantes e direito a votos. Numa época, nós tínhamos a representação, mas não tinha direito a voto, só tinha direito à voz, depois, evoluiu, passou a ter direito a voto, até porque aí, veio lá de cima, via universidade, mas a briga sempre foi muito grande. Já nos departamentos não havia muito interesse, uma vez nós tivemos representantes do departamento que nem nos fez representar, porque não tinha uma representação técnica, os funcionários não tinham formação de Educação Física para ir lá discutir currículo. Então, ficou muito tempo em aberto. Depois, nós passamos a ter funcionários aqui que tinham formação, como a Rosane⁴¹, como o Ronei⁴², como o próprio Stigger⁴³, alguns passaram para professor, outros não, como o Beto⁴⁴...

[FINAL DA FITA 63/01-A]

B.R. - Reiniciando aqui, depois da troca de fita, eu queria perguntar como é que tu vias a relação ESEF-UFRGS? Tu via uma diferença com o nosso campus, um perfil diferente na ESEF ou tu consideravas tudo igual? Como tu vias essa relação?

C.G. - A ESEF-UFRGS com o quê? Relação com o quê?

B.R. - Dentro da universidade, com as outras unidades, com os outros campi...

C.G. - No início, eu acho que a ESEF era uma unidade, até por ela ter entrado mais tarde na Universidade, ela custou a se inserir. A ESEF continuou, mesmo federalizada, como um colegião, que era especializado em Educação Física. Aqui, muito pouco tinha de pesquisa.

³⁹ Mário César Cassel

⁴⁰ Alberto Reinaldo Reppold Filho

⁴¹ Rosane Amaro

⁴² Ronei Silveira Pinto.

⁴³ Marco Paulo Stigger.

Extensão não existia na época, existia um bom curso de graduação. Era um colegião e com poucos recursos, com pouca estrutura, nós não tínhamos a pista de atletismo, que temos hoje, foi construída depois, nós não tínhamos aquela piscina. A piscina era a céu aberto, era um tancão e antes, ainda, no tempo da estadual nós usávamos piscina de clubes, usávamos quadras de clubes emprestadas. Bom, isso eu não cheguei a pegar, por isso eu quero que vocês falem com a Dona Carmem⁴⁵, com o Edson⁴⁶, que vai contar essa história mais antiga. Eu cheguei a pegar a piscina de tanque, seria aqui, na frente daquela sala dos professores substitutos, a sala 7, ali tinha um tancão, o Peixinho nadava ali, o [palavra inaudível] dava aula ali. Eles davam aula no verão e no início da... Verão parava, começava o outono, começava a esfriar, cessavam as aulas práticas, faziam as aulas teóricas, voltava na primavera, porque era impossível de dar aula no inverno. Então, era um colegião com muitas precariedades. E, te digo assim, naquela época, eu só passei a ter contato com a Universidade quando eu assumi como secretário, não, um pouquinho antes, eu passei a ter contato. A ESEF, ela era uma unidade, quase que uma estação experimental agrônômica, hoje em dia. Muito distante, porque isso aqui era o fim do mundo. O Jardim Botânico era o fim do mundo, Agronomia era o fim do fim do mundo.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

C.G. - Raramente uma autoridade universitária vinha aqui, na época em que eu entrei. Ela continuou naquela vidinha, num primeiro momento de escola estadual, claro que aí começaram a vir as normas da universidade, ela foi se inserindo aos poucos. Mas, eu te diria assim, o corpo funcional comparado ao da UFRGS não tem como, porque, naquela época, eu não tinha contato com a... Eu assumi a secretaria em 77, 78. Eu passei a ter contato com outros colegas, em outras universidades e, quando começamos a coisa política... Não posso dizer para vocês como era no início da década de 70, eu passei a ter contato com esses nossos colegas na década de 80, praticamente, e já estava muito modificado. Aí, já começaram a entrar, no final da década de 70, funcionários da UFRGS aqui, porque funcionários nossos foram para Reitoria, foram para outras unidades, então, começou a misturar. A ESEF já não era mais aquele feudo de escola estadual, de funcionários, começou a misturar, eu me lembro, uma funcionária foi para agronomia,

⁴⁴ Alberto Ramos Bischoff.

⁴⁵ Maria do Carmo Giácomo, ex-funcionária da Escola.

outra foi para a Reitoria. Então, agora passados trinta anos, vinte anos, não é ninguém mais do tempo da escola estadual.

B.R. - E, quanto àquela prática desportiva obrigatória. Como é que começou? Já acontecia, já se recebia esses alunos? Como é que era?

C.G. - É, isso eu não sei dizer como é que começou, mas foi um Decreto Federal. Todas as universidades federais passaram a fazer isso, e, a ESEF passou a receber esses alunos de toda a universidade. Alunos que não trabalhavam, vamos deixar claro, os alunos que trabalhavam tinham dispensa. Isso, até acho que foi bom num certo aspecto, inserir a ESEF dentro da universidade, porque os alunos de outras unidades vinham aqui: “Ah, mas isso aqui é da UFRGS, eu não sabia!” Vinham aqui fazer a sua prática, escolhiam o esportes que queriam, na medida do possível, nem sempre. Alguns tomavam contato com outros esportes, optavam porque tinha que fazer e até gostavam, como remo, por exemplo, que, hoje em dia, nem é mais oferecido. O remo muita gente pegou gosto na pratica esportiva obrigatória. Passou a fazer remo com o Professor Schultz⁴⁷, gostou, e, depois, até entrou num clube, coisas do gênero. Então, tinha o aspecto muito positivo. Tinha um aspecto negativo, porque a maioria dos estudantes fazia aquilo obrigado, não gostavam, faziam porque tinham que fazer, porque era lei, porque não estavam trabalhando. Outros gostavam porque tinham aquele espírito esportivo, apesar de estarem fazendo Medicina, Direito, Administração, gostavam de vir aqui, fazer seu esporte e, às vezes, pegavam o esporte que gostavam, então vinham se aperfeiçoar em vôlei, em natação, atletismo. Isso contribuiu, vamos dizer, para inserir a ESEF no meio da Universidade, porque os estudantes da universidade passaram a ter contato com um campus aqui, que eles nem sabiam que existia. Hoje em dia, já não é assim, tem o Salão de Iniciação Científica, tem outras coisas, a maioria dos estudantes conhece a ESEF, pelo menos conhece o campus da ESEF.

B.R. - E, dentro dessa história, dentro desse teu tempo aqui, dentro da Escola, o que tu tens para nos dizer que te marcou mais?

C.G. - Quanto a mim como pessoa? Ou como percepção...

⁴⁶ Edson da Silva Buena

⁴⁷ Roberto Schultz.

B.R. - É na tua rota aqui dentro, como funcionário.

C.G. - É, eu diria que houve uma mudança muito grande na ESEF na década de 70 do século XX, que agora início do século XXI. A ESEF deixou de ser um colégio, como eu disse, de estadual especializado em Educação, para ser uma unidade dentro da universidade federal, isso é inquestionável. Hoje em dia, a ESEF faz pesquisa, a ESEF tem uma extensão forte, a ESEF tem um campus, é a única unidade na Universidade que tem um campus. Na verdade isso aqui é um campus, acho que, no futuro, isso aqui não vai ser só da ESEF, certamente vai ter outras coisas da universidade aqui dentro, até porque o centro da cidade vai ser por aqui, talvez a gente não vai estar aqui para ver isso, mas vai acontecer. E, talvez, isso aqui deixe de ser exclusivamente em Campus Olímpico ou Campus Esportivo. Eu acho que mudou tudo. O perfil do aluno, eu não tenho muito como falar, o perfil do aluno da Educação Física, eu acho que... Sempre foi... Eu me lembro que, naquela época, eu fazia o Projeto Rondon⁴⁸ e eu estive envolvido com coordenação de grupos e, o pessoal da ESEF, acho que aquele espírito de não mudar muito, porque o pessoal da ESEF é aquele pessoal mais de bem com a vida, mais alegre. Quando chegava o pessoal da ESEF, naquelas reuniões do Rondon, a gente já sabia que era da ESEF, porque vinham fazendo zoeira, gritando e aquela coisa toda. Então, esse perfil não mudou muito, o perfil do aluno da ESEF ainda é esse, agora eu diria que o perfil dos funcionários mudou radicalmente e o perfil dos professores também.

B.R. - E, hoje, se tu for pensar em termos de espírito?

C.G. - Espírito?

B.R. - Tu te acha da ESEF? Ou tu te consideras da UFRGS? O que, para ti, é mais importante? Tu tens um vínculo maior com a ESEF?

C.G. - Não, eu acho assim, hoje em dia, nós somos funcionários da UFRGS, e eu posso falar isso de cadeira, porque toda a vida, eu trabalhei na ESEF, eu não sou funcionário da ESEF, eu sou funcionário da Universidade Federal. Acho mais, eu sou funcionário do sistema federal de um IF, eu posso ir para qualquer IF, qualquer Instituição Federal de

Ensino Superior, eu posso sair daqui e ir lá para Ouro Preto⁴⁹, eu posso sair daqui e para Manaus⁵⁰, para Belém⁵¹, eu posso ir para qualquer lugar do Brasil, eu posso ir para Pelotas⁵², como foi o Alexandre⁵³, eu posso ir lá para o Rio Grande do Norte⁵⁴, como foi a Ana Lúcia Godoy⁵⁵, por quê? Porque na realidade são Instituições Federais de Ensino Superior, nós somos funcionários do sistema federal de ensino. Acho que nós temos um determinado perfil, a partir do momento que a gente tomou uma consciência política, eu acho que isso é... Eu sou mais que funcionário da UFRGS, eu sou funcionário do sistema federal de ensino superior, que eu acho que é uma das poucas coisas que talvez tenha no Brasil que tenha que ser preservado, que é o sistema de instituições federais de ensino superior. É uma preciosidade, talvez a nível de países em desenvolvimento, isso quase não existe mais, são poucos os países em desenvolvimento que tem um sistema federal de ensino como o do Brasil.

B.R. - Mas, eu digo assim, em termos afetivos...

C.G. - Sim, em termos afetivos eu sou muito...

B.R. - Tu vestiras a camiseta da ESEF?

C.G. - Sim, em termos afetivos eu sou muito ligado à ESEF, eu sou muito ligado a ESEF porque a minha vida funcional começou aqui e continua aqui, talvez vá terminar aqui, isso a gente não pode dizer, amanhã ou depois eu posso estar em outro lugar. Mas eu sou "Esefiano". Acho que a instituição cresceu muito, eu participo politicamente das coisas da ESEF, eu fiz parte, não sei nem se existe ainda esse grupo, que começou essa modificação aqui no campus, do qual fez parte o atual diretor, o Ricardo, o Guimarães, o Betão, como professores, funcionários como o Beto, eu, o Cláudio Paiva⁵⁶, na época, que agora nem é mais funcionário, grupos de alunos também, que já não está mais aí, mas, quer dizer, que

⁴⁸ Projeto do Governo Federal, realizado na Amazônia.

⁴⁹ Cidade Brasileira

⁵⁰ Cidade Brasileira

⁵¹ Cidade Brasileira

⁵² Cidade do Rio Grande do Sul

⁵³ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁴ Estado Brasileiro

⁵⁵ Nome sujeito a confirmação

⁵⁶ Cláudio Roberto Escobar Paiva

tinham uma visão de campus esportivo diferente da que se tinha até o início da década de 90. E as coisas realmente se modificaram, alguns são contrários a esse tipo de coisa, da maneira como foi feita, outros acham que não tem outra saída. Ou seja, de que maneira foi feita? Com recursos próprios, não só com recursos do Tesouro. Esse campus, hoje em dia, é um campus bonito, é um campus bem cuidado, porque não tem só recursos do Tesouro, se fosse só recursos do Tesouro, estaria caindo aos pedaços. Nós achamos que tem que ser complementado, isso é uma nova visão de universidade pública, é uma universidade que não fica só esperando os recursos da União, mas que vai atrás deles. É visível que a ESEF é um belo exemplo disso na Universidade, não é só nós que estamos fazendo isso, várias outras unidades estão fazendo, mas no nosso é um exemplo patente, porque nós já estamos aplicando isso desde o início da década de 90, e tem mais de dez anos. O chamado Fundão, que, hoje em dia, é conhecido em toda Universidade. Tem algumas coisas, que a gente tem orgulho de ter participado, isso é uma das coisas. Agora a maneira como o Fundão está sendo usado para fazer isso ou aquilo, isso é questão de cada um que está lá, à frente da Direção. Eu digo que o Fundão em si, como idéia, deu certo, é inquestionável, é só andar aí pelo campus e ver. Agora, se eu gasto para embelezar jardim, etc, e não dando prioridades para o pagamento de bolsistas, bom, isso é questionável. Mas aí, depende de quem está à frente do Fundão. A idéia do Fundão, é uma idéia vitoriosa.

B.R. - Cláudio, tu tens alguma coisa para contar, o que tu...

C.G. - Fatos pitorescos?

B.R. - É, o que tu lembras de fatos pitorescos, de funcionários, de casos, de alunos?

C.G. - Tem bastante coisa, mas eu vou citar um ou dois só para vocês... Quem vai contar muitos fatos pitorescos, se vocês deixarem, fica uma hora contando fatos, vai ser o Édson, que tem uma memória muito boa e guardava essas coisas, o Édson da Silva Bueno, a dona Carmem também pode contar. Mas, eu vou contar uma para vocês que, hoje em dia, já é conhecida em toda Universidade, que é o fato do seu Felício⁵⁷, já não me lembro bem o sobrenome dele, ele já é falecido. O seu Felício era um preto velho, um senhor, ele era negro e alto, esguio e ele cuidava o ginásio, ele tinha perto de sessenta anos, de setenta

anos, depois, acho que ele foi aposentado pela compulsória, acho que ele entrou mais tarde, aquela coisa do serviço público. Eu me lembro que ele era encarregado de limpar o ginásio com aquele aspirador, que acho que até hoje ainda se usa aquele aspirador. Ele fazia o serviço de manutenção. Naquela época, nós não tínhamos a pista como temos hoje, como eu disse para vocês, tinha uma pista de carvão, onde hoje é o setor de sala de aula e biblioteca, tinha uma pequena pista de carvão. O professor Bugre⁵⁸, que foi vice-diretor desta Escola, foi uma espécie de guru desse grupo, que hoje em dia tem hegemonia aqui na ESEF. Tanto é, que quando ele faleceu houve uma comoção geral. Eu até fiquei sabendo da morte dele, eu estava na ASSUFRGS, muito tempo depois, e eu também era um fã do Professor Bugre, uma pessoa maravilhosa, professor de Judô, formado pela Escola de Educação Física do Exército. Ele era um filósofo, ele era uma pessoa contra a ditadura, ele era tremendamente contra. Era um cara que estudava filosofia oriental e tinha uma cultura muito grande, era uma cultura que, hoje em dia, naquele tempo não se dizia, mas era uma cultura alternativa. Então, ele foi guru desses professores que, hoje em dia, estão à frente da ESEF. De muitos alunos e muitos funcionários também. Eu gostava muito dele, tinha vários outros funcionários, a maioria já aposentados, que vocês não tiveram a oportunidade de conhecer. O Professor Bugre gostava fazia judô, ele sempre estava muito bem preparado. Fisicamente, ele tinha um físico... Ele era reforçadinho, ele era baixo e sempre foi rechonchudo, vamos dizer. Ele tinha que se cuidar, ele andava, sempre correndo, etc, até porque ele dava judô, ele não podia engordar muito. Eu me lembro que ele botava o calção e ia, praticamente todos os dias, ou de dois em dois dias, eu não me lembro qual a frequência, correr naquela pista de atletismo. E aí, ele fazia aquilo, e, um dia, eu estava passando por ali e o professor Bugre fazendo as voltinhas dele na pista, que era uma pista pequena, nem se comparava com essa grande, essa aí tem... Nem sei quantos metros tem, mas aquela devia ter um quinto, era uma pista de carvão e ele fazia aquelas voltas. Claro que com aquela pista pequena, ele fazia muitas voltas. Então, cada vez que ele fazia uma volta, ele atirava um pauzinho dali, fazia uma volta e atirava um pauzinho, e o Felício viu aquilo, um dia, e ficou curioso, mas não falou nada. No outro dia, ele foi lá e viu o professor Bugre, passava ali e atirava um pauzinho, passava ali... Aí, um dia ele não se conteve. “Bom, professor Bugre”. Deixou o Professor Bugre terminar a corrida dele ali na pista, a caminhada, a corrida, um pouco de caminhada, um pouco de corrida e... “Pô, eu sei

⁵⁷ Felicíssimo Gomes de Almeida

⁵⁸ Bugre Ubirajara Marimon de Lucena

que o senhor está cansado e coisa, mas porque que o senhor faz a volta na pista e atira um pauzinho, faz e atira um pauzinho?” Ele disse: “Não, Felício é que é uma pista pequena e eu marco quantas voltas eu dou por dia, eu tenho não é...” Ele na verdade fazia um treinamento, era uma coisa em que ele tinha aprendido na Escola de Educação Física do Exército e ele, de certo, incrementava aquilo, um dia fazia, sei eu, vinte voltas, no outro vinte e cinco, na medida que ele ficava condicionado fisicamente, ele aumentava. e aí então ele disse: “Como a pista é pequena, fica difícil, para mim, guardar o número de voltas. Então, cada vez que eu passo aqui, eu atiro um pauzinho, depois que terminava, eu já não sei se é 30, 32, 34, 35, eu vou ali e conto os pauzinhos.” O Felício olhou para ele e disse: “Báh, professor o que é os estudos!” [risos] O Felício era uma pessoa completamente analfabeta, ele não tinha instrução nenhuma, não sabia nem desenhar o nome dele, então, aquilo para ele era uma coisa... Isso ficou, e, aqui na ESEF, se usa até hoje. Eu brinco muito com os caras, quando alguém faz alguma coisa, tem alguma idéia muito boa, ou faz uma coisa que os outros... Por exemplo, agora, no computador, alguém faz uma coisa que os outros não sabem fazer: o que é os estudos! Até hoje se usa, alguns professores da ESEF usam isso e alguns funcionários. E, agora, já na UFRGS está sendo usado isso, porque a gente passou isso adiante. No meu grupo, por exemplo, que eu tenho um grupo político dentro da Universidade, o GIPS⁵⁹, o pessoal usa muito isso: o que é os estudos! Quando alguém fala uma coisa que os outros não sabem, ou teve uma boa idéia: pô, mas o que é os estudos! Isso vem daqui, do fato pitoresco. Outra coisa que queria contar pra vocês, o restante acho que o Édson pode contar muitas histórias, mas essa também foi muito boa. Nos primeiros anos de ESEF federalizada, não vou dizer o nome do diretor, o diretor da ESEF era um homem muito forte, muito parrudão, e ele estavam fazendo não sei o que lá em baixo. E o professor esse, com uma picareta na mão, uma picareta mesmo, e ajudando os caras lá a cavar um buraco. E, aí chegou o Reitor da época, que eu também não sei, não me pergunte quem é, isso foi um pouquinho antes de eu entrar parece, 71, 72. Chegou de improviso, não avisou que ia vir, naquela época, as comunicações eram precárias, devia ter uma linha telefônica. Não avisou, eu vou dar um pulo lá na ESEF, e deu um pulo. Chegou lá na secretaria, o gabinete que ficava mais ou menos junto: “Onde está o Diretor? “O Diretor está lá pra baixo”. “Ah, então vamos para lá.” E foi, não sei quem é que acompanhou o Reitor, um outro professor, o Vice-Diretor, chegou o Reitor e estava o Diretor da ESEF dando picaretada, suado, um dia, acho que era

⁵⁹ Grupo Independente Pró-servidores.

verão ou primavera, um dia daqueles terrível, o Diretor da ESEF com uma picareta na mão cavando um buraco. Então, isso para vocês verem, chocava um pouco a Universidade, porque já tinha aquela idéia de Universidade. Imagina! O Reitor... Puxa vida, esse é o Diretor aqui da ESEF! Não tinha nada a ver, o cara devia ser um grande professor de coisa, mas hoje em dia um Diretor da ESEF certamente não vai pegar numa picareta para cavar um buraco, porque o perfil mudou completamente. Não é como aquele, um Diretor que apesar de ter instrução, mas é um cara que tinha vindo com um outro tipo de formação, com um outro tipo... Então, é só para dar um... E, é verdadeira essa história, contam como verdadeira, eu não presenciei, foi antes da minha chegada aqui. Mas, isso é um fato pitoresco, que aconteceu e que me contaram, essa eu não presenciei.

B.R. - Teria mais alguma coisa para nos contar, que tu julgues importante?

C.G. - Uma história também que o Édson me contou, o pessoal fazendo tombamento... Até hoje é problema esse troço do registro dos bens, essas coisas que tu tirou cadeira daqui e botou para lá, depois os caras vem e não encontram a cadeira. E, as coisas que vão sendo descartadas, iam ficando no depósito, porque, naquela época, quem tinha que fazer isso era a Secretaria de Educação, porque a Escola pertencia... E, diz que numa daquelas épocas lá, determinaram que um funcionário - isso na época do tempo da Escola ainda estadual - fosse lá no depósito e descrevesse tudo que estava lá. Para talvez officiar a SEC, dizendo que tinha que vir buscar o material descartado. Hoje é a UFRGS que faz isso, tem um Departamento de Patrimônio, mas, naquela época, não tinha ninguém especializado na ESEF para fazer isso. Então, o cara foi lá e botou, ele descreveu as coisas todas, e numa dessas descrições - depois veio para secretaria, a secretaria datilografava essa lista para mandar talvez para SEC, creio eu que seja isso - o Édson contava isso sempre, que o cara botou assim, o funcionário ou a funcionária que fez o levantamento lá: uma cadeira vírgula de comer vírgula velha [risos]. Uma mesa, desculpe, uma mesa vírgula de comer velha. Isso ficou na história, porque o pessoal da secretaria emendou tudo, ficou uma mesa de comer velha [risos]. Isso virou chacota lá depois. É um fato pitoresco, também, que eu me lembro. Teriam muitos outros, mas só para ilustrar...

B.R. - Gostaríamos de agradecer a tua participação. Muito importante essas colocações e te botar à disposição também... Se tu lembrar, porque a memória é uma caixinha que a gente

vai mexendo no fio e vai lembrando de outras coisas. Se tu quiseres conversar conosco...
Muito obrigada.

C.G. - Se tiver alguma pergunta mais específica.

[FINAL DO DEPOIMENTO]